

## DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

### JEAN DE LÉRY E A TEORIA DO BOM SELVAGEM

Paul ARBOUSSE-BASTIDE\*

Diversos colaboradores de "O Estado de S. Paulo" já tiveram ocasião de elogiar a tradução da obra de Jean de Léry, que a Livraria Martins acaba de lançar sob o título **Viagem à Terra do Brasil**. Peço licença para tomar parte nesse concerto de louvores, aliás perfeitamente merecidos. E confesso que não sei de quem deverei falar bem, em primeiro lugar: se do tradutor Sérgio Milliet, se do diretor da coleção, Rubens Borba de Moraes, ou se do editor Martins. Seja como for, constituiria imperdoável falha esquecer o anotador especializado sr. Plínio Ayrosa, cuja oportuna contribuição etnográfica e filológica é deveras notável.

O tradutor merece um elogio todo especial, e isso, antes de mais nada, porque teve a coragem de enfrentar uma tarefa inegavelmente difícil. O francês do século XVI só pode ser compreendido por alguém que, além de conhecer a fundo o francês contemporâneo, disponha de sólida cultura, graças à qual "sinta" realmente os arcaísmos, penetre a verdadeira significação dos termos e domine a arquitetura, bastante pesada, da frase do século XVI, ainda

---

(\*) O Professor Paul Arbousse-Bastide, integrou a primeira missão francesa contratada pelo governo do Estado para a então recém-fundada Universidade de São Paulo, em 1934. Professor de Sociologia, lançou as bases dos estudos sociológicos na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Relacionou-se com figuras expressivas da intelectualidade paulista e colaborou com bastante freqüência em "O Estado de S. Paulo". O artigo que aqui se transcreve, sugerido pela tradução do livro de Jean de Léry, integrando a preciosa coleção "Biblioteca Histórica Brasileira", dirigida por Rubens Borba de Moraes e editada pela Livraria Martins em 1940, foi publicado em "O Estado de S. Paulo" do dia 14 de setembro de 1941.

bem próxima da construção latina. Preenche o sr. Sérgio Milliet todas essas condições, além de outras mais, como, por exemplo, a ter feito seus estudos em Genebra, a cidade de Calvino, que serviu de refúgio de Léry.

Para bem compreender, com efeito, o espírito que anima o livro em questão, assim como as reações do seu autor, é de grande vantagem ter entrado em contato com o ambiente de Genebra. E tal aconteceu, não somente ao tradutor, mas ao diretor dessa ótima série de obras, o sr. Rubens de Moraes. Se considerarmos, ainda, serem ambos brasileiros, familiarizados com a Guanabara e contarem com a cooperação de um especialista em tupi-guarani, chegaremos à conclusão de que impossível se tornaria reunir elementos mais completos para uma boa tradução e um inteligente comentário da "Viagem" de Léry.

Pena é que as atuais circunstâncias não favoreçam as relações intelectuais entre a França e o Brasil.\* Podemos assegurar que, em tempos normais, não passaria despercebida, na Europa, semelhante tradução. E queremos crer que, quando houver condições mais propícias ao intercâmbio cultural e aos estudos desinteressados, poderá tão proveitoso trabalho ser consultado nas bibliotecas européias, nas quais, sem a mínima dúvida, merece figurar.

Não se trata, efetivamente, de uma tradução comum. Não é uma dessas reproduções inexatas que lembram espelhos deformantes e que, sob pretexto de traduzir, apenas fornecem a caricatura do texto original. É rigorosamente fiel, escrupulosamente exata. E manda a verdade dizer que o mesmo não se dá com numerosas outras traduções feitas no Brasil, pois, com pouquíssimas exceções, apresentam-se absolutamente irreconhecíveis e, não raro, ininteligíveis os grandes textos clássicos, depois de aqui terem sido vertidos para o português. Sérgio Milliet, sem dúvida, teve em mira promover salutar reação contra esse deplorável vício das traduções feitas levemente. Ele traduz bem porque compreende perfeitamente o texto original e sabe apreciá-lo a seu justo valor.

Um dos grandes méritos de Sérgio Milliet - independente do que se refere à exatidão - foi o de traduzir integralmente a obra, dela não omitindo passagens que, à primeira vista, pareceriam ser desinteressantes para a média dos leitores. Sabe-se que Léry e seus amigos mantiveram com Villegagnon, discussões sobre assuntos teológicos, as quais Léry descreve detalhadamente. Qualquer tradutor superficial ou simplesmente apressado teria podido, sem

---

(\*) Refere-se o autor à Segunda Guerra Mundial que, na época ensanguentava a Europa, inclusive com a França ocupada pelos alemães.

grande dano aparente, deixar de lado esses trechos áridos e ingratos, que só interessam realmente a quem esteja ao par das ardentes e complicadas controvérsias teológicas do século XVI. Sérgio Milliet fez questão fechada de reproduzir tudo. Apresentou-nos, portanto, um Léry integral, e não um Léry vulgarizado, para uso de um público de segunda categoria. A **Viagem**, dessarte, não aparece tão somente como um documento etnográfico, mas como um testemunho vivo e vibrante dos estados de alma, nesse perturbado período do século XVI.

Quando alguém toma a peito traduzir um texto importante, deve cumprir integralmente a tarefa de que se incumbiu. Se um texto clássico conseguiu sobreviver, é porque é profundamente humano. Nenhum tradutor tem o direito de retalhar, de acordo com os caprichos de sua fantasia, essa carne palpitante, para dela tirar os pedaços que, na sua opinião, não raro mal fundamentada, possam interessar os leitores considerados incapazes de assimilar a obra no seu conjunto.

Sob esse ponto de vista, o trabalho de Sérgio Milliet surge com a feição e o valor de um verdadeiro manifesto, pelo exemplo que constitui. Oxalá venha ele a "formar escola" e lembre a muita gente o sentimento de dignidade que deve inspirar o tradutor consciente de sua responsabilidade. Uma boa tradução equivale a uma obra literária original e, se tantas delas são deficientes, é porque há poucos literatos originais.

No caso em apreço, ser-nos-á permitido afirmar que uma boa tradução é uma obra científica. Sérgio Milliet teve a excelente idéia de verter para o português não só Jean de Léry mas ainda Paul Gaffarel, o seu melhor comentador. O belo volume oferecido ao público pela Livraria Mertins contém, além do texto de Léry e de uma linda coleção de estampas, o prefácio e as interessantíssimas notas de Gaffarel. E a tudo isso o tradutor, por várias vezes, acrescenta oportunas notas pessoais. Estas últimas juntamente com a copiosa e original contribuição do sr. Plínio Ayrosa, fazem do livro um eficiente instrumento de trabalho. Dizemos isso porque, se é possível lermos a história de Léry como se fora um romance, convém que a releiamos, com a pena na mão, como um livro de estudos.

Dentre os numerosos problemas gerais levantados por esse livro, permitimo-nos destacar um que nos parece de não pequena importância. Não diz ele respeito à contribuição etnográfica de Léry, de que vários comentadores trataram, nestas mesmas colunas, com reconhecida competência. É, sim, um problema que interessa à história das idéias. Referimo-nos à teoria do "bom selvagem" que tão considerável influência exerceu sobre numerosos e

afamadíssimos pensadores e que, precisamente, parece ter tido origem na obra de Léry.

Essa teoria é mais uma atitude intelectual do que uma teoria, na exata acepção do termo. Ela consiste em louvar as virtudes do selvagem, comparando-o com o civilizado e com grande desvantagem para este último.

Poderíamos resumi-la nestas palavras: "os selvagens, com toda a sua barbárie, seriam superiores, em virtude, aos civilizados, apesar da apurada cultura dos últimos e do seu conhecimento do cristianismo". Quando semelhante tendência a louvar as qualidades dos não-civilizados se converte em uma doutrina mais substancial, estamos em presença da teoria do "estado natural", suposto estágio da evolução humana, que alguns pensadores procuram reconstituir, por um esforço de abstração, imaginando o que poderia ser o homem antes de existirem instituições sociais, jurídicas, políticas e, muito especialmente, antes do desenvolvimento das técnicas.

A doutrina precedeu o tema literário. A noção de um "estado natural", levando a uma definição abstrata e ideal do homem, é bastante velha, pois que a encontraremos nos filósofos cínicos e epicurianos. Foi mais tarde aproveitada pelos teólogos e juristas. Os primeiros a consideraram como o estado do homem no paraíso terrestre, antes do pecado ou antes da nova aliança com Deus - quando a humanidade ainda não recebera as leis divinas. Os outros deram a tal noção valor puramente jurídico; o estado natural seria, para eles, o conjunto das relações existentes entre os homens independentemente de qualquer regra jurídica (Hobbes, Spinoza, Grotius).

Em época mais recente os etnógrafos teriam lançado a noção de "primitivo", onde se nota a mesma preocupação em descobrir o que o homem deveria ter sido antes da civilização ou, pelo menos, logo no início da mesma.

A descoberta do novo mundo fez ressurgir, com acentuado característico de atualidade, as doutrinas do "estado natural". Os "selvagens" que os viajantes encontravam e aos quais consagravam longas narrações, vinham ilustrar as teorias de quantos defendiam a tese de superioridade fundamental do não-civilizado sobre o civilizado, ou, ao contrário, as de quantos afirmavam que os benefícios da civilização (Voltaire iria dizer "do luxo") eram postos em relevo pela lamentável inferioridade dos povos bárbaros.

Outro sentimento próprio das pessoas do século XVI intervem na apreciação dos "selvagens". Apesar de sua "grosseira" mostram-se eles menos desumanos e cruéis de que os pretensos civilizados, que não param de brigar entre si, sob pretextos de virtude e religião. O novo mundo americano, primeira reserva de "selvagens" revelada aos europeus, começou a ser

conhecido, sob o ponto de vista etnográfico, nesse século XVI, em que as guerras de religião devastavam a Europa, e especialmente a França. Convém lembrar que, se não se houvessem verificado tais guerras, não teríamos tido a Viagem de Léry. Villegagnon saiu de França com a intenção de fundar uma espécie de refúgio - ao menos aparentemente, pois sabe-se que seus verdadeiros desígnios permanecem misteriosos e contraditórios. Léry e seus companheiros vieram ter à França Antártica porque aqui esperavam encontrar a liberdade de consciência que lhes era recusada além-mar.

Chegados às terras americanas, eles saboreiam, como uma recompensa dos perigos da viagem, o delicioso sentimento de liberdade. Interessados pelos costumes dos "selvagens" que se propõem evangelizar, propensos a acreditar numa reconstrução total da sociedade (assim como esperam um "novo nascimento" para o convertido) Léry e seus amigos consideram os selvagens com indulgência e simpatia, apesar de sua completa ignorância da Lei Divina. Isto explica como, de volta à pátria, Léry pudesse escrever sinceramente: "...chego freqüentemente a me lamentar por não estar mais entre os selvagens, nos quais vi mais virtudes do que em muitos homens destas bandas, que, embora condenados, ostentam o nome de cristãos".

Depois de ter narrado cenas de antropofagia entre os tupinambás, Léry acrescenta: "Os que lerem tão horríveis coisas... deverão também olhar de perto para o que se faz em nossas terras... se examinarmos a fundo o procedimento de nossos grandes agiotas, chegaremos à conclusão de serem eles ainda mais cruéis do que os selvagens em questão. Ainda mais: se quisermos criticar o ato bestial de mastigar e realmente comer a carne humana, não conviria recordar que, "do lado de cá" já houve gente, que se dizia cristã... e que não se contentando de ter feito perecer cruelmente inimigos, julgou não poder reaver a coragem perdida senão depois de comer o fígado e o coração dos mesmos?"

Adiante, ao tratar de religião, Léry pondera: "Esses selvagens não crêem em quaisquer deuses celestes, nem terrestres"... e apenas acreditam em terríveis demônios. Mas, "por estes lados existem ateus ainda mais ateus". As mães selvagens amamentam os seus bebês, e não os entregam a amas de leite. Os selvagenzinhos não são estupidamente enfaixados. As mulheres andam nuas mas isso não as incita tanto à lubricidade e à depravação como os "enfeites, as pinturas, as cabelerias postiças, os cabelos encrespados, as grandes golas 'fraisées', os vestidos sem conta e outras infinitas bagatelas com que se adornam as mulheres e donzelas civilizadas". Disso resulta que os selvagens são mais felizes, porque vivem num bom clima e nenhum deles tem cabelos brancos ou grisalhos.

Pouco depois de Léry, encontramos a tradução do "bom selvagem" num célebre trecho de Montaigne, sobre os Canibais, que reproduzimos a seguir:

"Penso haver maior barbárie em comer um homem vivo do que em comê-lo morto. Dilacerar pela tortura e processos infernais um corpo ainda cheio de sensibilidade, fazê-lo assar aos poucos, fazer com que os cães ou os porcos o mordam e o pisem; estão em nossa memória tais procedimentos aos quais temos assistido nos últimos tempos, e que têm sido empregados, não contra velhos inimigos, mas contra vizinhos e concidadãos e, o que é pior ainda, sob pretexto de piedade e religião. Não é tudo isso mais detestável do que assar e comer um homem depois de falecido?"

Essas sábias considerações correspondem, quase literalmente, às de Léry. Não possuímos nenhuma prova irrefutável da influência deste último sobre Montaigne. A respeito, temos apenas presunções, mas são elas fortíssimas. M. P. Villey, autor de importante trabalho sobre "As fontes e a evolução dos ensaios", assinala, entre os livros que teriam inspirado Montaigne, duas obras que constariam de sua biblioteca americana: a **História das Índias Ocidentais**, de Lopez de Gomara, na tradução francesa de Martin Fumée, e a tradução italiana da **História de Fernando Cortez**, do mesmo autor. A isto, acrescenta-se a *Cosmografia de Belle-forest*, e a de Thevet, o franciscano que não gostava de Léry. Não menciona a **Viagem**. Certo trecho, contudo, do capítulo sobre os canibais, levaria a crer que o livro de Léry foi lido e utilizado por Montaigne. É o seguinte:

Convivi, por muito tempo, com um homem que permanecera dez ou doze anos nesse mundo descoberto em nosso século, no mesmo lugar onde Villegagnon desembarcou, e ao qual deu o nome de Franca Antártica... Era um homem simples e grosseiro, o que constitui uma garantia para a validade do seu testemunho". Por aí se vê que Montaigne teve junto de si, na qualidade de criado, a um homem que provavelmente foi companheiro de Léry e que, em todo caso, participou da expedição de Villegagnon, tendo vivido dez ou doze anos no Brasil. Esse homem despertou vivo interesse em Montaigne, graças a suas narrações simples e despretensiosas. É difícil imaginar que Montaigne não tivesse procurado ler a obra de Léry, logo que tal lhe fosse possível, pois tudo indica que seu informante conhecera a Léry na Guanabara.

A idéia de que Montaigne se tivesse inspirado na **Viagem** foi pela primeira vez exposta por Chignard em sua obra **O exotismo americano na literatura francesa do século XVI** (Paris, 1911).

Charly Clerc, no prefácio de uma edição abreviada de Léry (Payot, Paris, 1927), defende a mesma tese. Ele confessa que não apresenta provas

positivas de que Montaigne se tenha utilizado da Viagem, mas observa que seria espantoso não possuir o autor dos Ensaios, em 1580, na sua biblioteca, o livro em apreço.

Interessantíssimo seria seguir a teoria do "bom selvagem" dentro da história das idéias. É ela encontrada nas "cartas de edificação" dos jesuítas do século XVIII, os quais insistem sobre a idéia do selvagem honesto, puro e justo. O explorador Bougainville demonstra grande espanto por não haver encontrado no Paraguai o estado de felicidade que ali esperava deparar (ver R. Allier, *Le non-civilisé et nous*, Payot, 1927). Posto em presença dos habitantes da Terra do Fogo, os mais miseráveis seres humanos que tenha visto, o mesmo Bougainville não os lamenta, pois que admira sua liberdade e assim como uma felicidade que lhes atribui "a priori". O mesmo se verificou em Taiti, ilha que ele considerou um verdadeiro Eden idílico.

Ao dizermos isso, não podemos deixar de pensar em Rousseau e na sua famosa teoria relativa ao "estado natural", no **Discurso sobre a desigualdade**. A bem dizer, não há absoluta certeza de que Rousseau acreditasse de veras no seu "estado natural". Ele próprio afirma que "tal estado não mais existe, que talvez nunca tenha existido e que provavelmente nunca existirá." A respeito, entretanto, "precisamos possuir noções bem exatas, a fim de bem compreender nosso estado passado". Explicaram que semelhantes reservas não passavam de precauções, pois Rousseau teria evitado entrar em luta com os teólogos, principalmente os de Genebra. Elas visariam tão somente dissimular a opinião real de Rousseau, o qual, no fundo, acreditava que o "estado natural" tivesse realmente existido no passado e, conseqüentemente, aceitava como uma realidade o "bom selvagem".

Em resumo, a descoberta do "selvagem" no século XVI coincidiu com o aparecimento de um problema que assim seria possível formular: desde que, sem qualquer dos benefícios da civilização, é possível levar uma vida não destituída de valor e de vantagens, apesar de todas as suas dificuldades e imperfeições, que devemos nós pensar da própria civilização? Proporcionamos esta um acréscimo de bem-estar, que compense a sua complexidade? Em outros termos: a imensa distância (e de Léry para cá ela aumentou extraordinariamente) que separa as técnicas primitivas e as nossas, não está ela em desproporção com a diferença aparentemente reduzidíssima, entre nossa felicidade e a dos selvagens?

O problema do "bom selvagem" não consiste em postular, arbitrariamente, que o selvagem é melhor que nós, mas reside em se constatar que o "estado selvagem", na aparência tão inferior sob o ponto de vista material, não difere muito do nosso, quando encarado do ponto de vista moral.

Os esforços e sacrifícios acarretados pela civilização estarão de fato devidamente indenizados pelos proveitos que ela nos traz?

Dizer que "o selvagem é bom" equivale a oferecer uma resposta negativa a esta questão. Para um homem simples - e Léry está nesse caso, pois não passava de um pequeno sapateiro que recebera um verniz de teologia calvinista - é de grande mérito a descoberta de tal problema.

Trata-se, com efeito, de um verdadeiro problema, ainda palpitante de atualidade. É o que diz respeito às relações entre "cultura" (no sentido etnográfico) e "civilização". É o problema da "ilusão do progresso". Numerosos civilizados de nossos dias, vivendo sob a pressão esmagadora dos sangrentos desajustamentos da civilização, se fossem transportados, como por um golpe de mágica, entre os selvagens, achariam estes tão bons quanto os achou Jean de Léry. Não somente nosso viajante soube "ver" - de acordo com a sua divisa "mais ver do que ter" - mas ainda soube pensar e com inegável acerto.